



ENTREVISTA/MISCELÂNEA

ENTREVISTA COM MÃE BIU¹

MIRIAN SUMICA CARNEIRO REIS

LUDMYLLA MENDES LIMA

JÚLIA FERNANDES NOGUEIRA NEVES

Mirian Sumica Carneiro Reis

Doutora em Teoria da Literatura, Ciência da Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês.

Líder do grupo de pesquisa Literarte – grupo de estudos em literatura e outras linguagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0076991033733054>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6778-5223>.

E-mail: miriansumica@unilab.edu.br.

Ludmylla Mendes Lima

Doutora em Letras, Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa, pela USP.

Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês.

Líder do grupo de pesquisa Afroletrias – Grupo de pesquisa de literaturas africanas e literaturas da diáspora africana.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9089693589248392>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3329-4677>.

E-mail: ludmyllalima@unilab.edu.br.

1 Optamos por uma transcrição que reproduz de forma mais fiel possível a fala de Mãe Biu (Mametu Olougiré), partindo da entrevista gravada em vídeo no Terreiro Mukumbogire D’Ya Nzambi, em São Francisco do Conde – BA, no dia 29 de maio de 2024. Justificamos nossa escolha pela importância da tradição linguística na transmissão do conhecimento oral, e com a visão de que a adaptação escrita dos mesmos saberes deve valorizar a cultura dos que os cultuam, sem a reprodução de preconceitos academicistas.

Júlia Fernandes Nogueira Neves

Mestranda em Estudos de Linguagens, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-Malês).

Licenciada em Letras-Literaturas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Membro do grupo de pesquisa Afroletrias – Grupo de pesquisa de literaturas africanas e literaturas da diáspora africana.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5391348811770854>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5096-1796>.

E-mail: julia@letras.ufrj.br.



Mãe Biu, nascida Berenice Bispo dos Santos, é mãe de santo, sambadeira e mariscadeira, além de ser uma figura importante no âmbito religioso e cultural do Brasil. Nasceu em Passagem de Teixeira, porém foi criada São Francisco do Conde. Ficou conhecida por sua atuação em comunidades de candomblé. Participou de alguns eventos como o Festival Literário Internacional de Cachoeira (Flica), onde foi destacada como uma das “mães ancestrais”, devido à sua luta e resistência à preservação da cultura afro-brasileira.

P.: Bom dia, mãe Biu. A benção? Prazer tá aqui com a senhora.

R.: Bom dia, minha filha. Meu pai Ogum que nos abençoe hoje e sempre.

P.: Axé! Gostaria que a gente começasse contando um pouco da sua história, onde nasceu, sobre seus pais [...] Sua vida [...] O que a senhora quiser compartilhar com a gente.

R.: Meu nome é Berenice Bispo dos Santos, apelidada como mãe Biu. Tenho sessenta e três ano. Sou sambadeira, sou mariscadeira, sou mãe do axé, né? Mãe de dez filhos, oito netos, cinco bisnetos. Tenho trinta ano de santo, feito, aqui em São Francisco do Conde. Nascida e criada aqui em São Francisco do Conde. Para falar a verdade, fui nascida em Passagem de Teixeira, mas fui criada em São Francisco do Conde. Cheguei aqui com sete ano de idade. Levei minha vida criando os meus filho dentro do manguê e tenho prazer em dizer isso, que eu sou mariscadeira, com orgulho. Quando eu tava com sete ano de idade [...] Quando eu nasci, minha mãe era sambadeira também [...] Eu nasci na água corrente, doze hora da noite, quem me pegou foi uma cigana, né? Eu não tive parteira. Praticamente, quando eu saí do útero da minha mãe eu já tava dentro da água. Meu imbigo foi curado com fumo e foi cortado com faca de sete tostões, e aí fui vivendo a minha vida.

Com sete anos de idade, o meu santo respondeu, que é Ogum, e minha mãe não queria, deixou passar, passar e foi passando. Quando eu estava com trinta e cinco, fui para casa de uma mãe de santo chamada Alvacelia Medeiros, que é a minha mãe de santo, e aí aconteceu que eu bolei e aqui está eu, não teve como. Fugi, corri, para ver se eu não conseguia não entrar no axé, mas eu vim entrando no axé, não teve como. Então, o que acontece: não queria, mas hoje eu não quero sair mais. É muito bom, é muito respeitado. A casa do axé, para quem sabe trabalhar, é muito bom. É um lugar que a gente traz doença e sai com saúde, é um lugar que a gente chega chorando e volta sorrindo[...] É a história da gente de mãe de santo, né? Eu tenho o quê? Vinte e um filhos de santo, entre ekedy, ogã e yawô.

P.: Axé, que lindo e que prazer tá aqui. Eu queria perguntar se a senhora pode contar um pouco da sua versão, do jeito que a senhora conheceu, a história do nkinsi tempo, dele como um deus.

R.: O nkinsi tempo pra mim — eu só falo o que ele faz comigo e o que ele me representa pra mim. O nkinsi tempo é [...] O tempo é uma história que a gente não tem fim. Nós não temos o começo e nem nós temos o fim, porque o tempo é o que fortalece a gente. A gente vévi no tempo, então a gente tem que conviver com o tempo. O tempo mostra alegria, tristeza, frieza, quentura [...] O tempo é embriagado, o tempo é triste, entendeu? Traz muitas dores, também traz muita alegria e sem o tempo a gente não vévi. Tudo tem que ser com tempo. Então é assim, eu vivo com o tempo porque aqui a gente trabalha com o tempo e porque sem o tempo a gente não pode fazer nada. Porque cê vê... O tempo é a noite, é o dia, é o ar, é a água, é aonde a gente pisa, é aonde

a gente se sustenta, é aonde a gente se levanta e ergue a mão para o céu e “Graças a deus! Graças a deus tempo! Mais um dia de vida na nossa vida!”. O tempo é isso.

P.: E essa mulher que nasce no tempo, assim né? Na hora do tempo, na passagem do tempo, na Passagem (localidade chamada Passagem dos Teixeiras, no município de Candeias, Bahia).

R.: É, Passagem de Teixeira. A gente [...] Eu praticamente saí do útero da minha mãe e fui direto pro tempo, né? Não esperou nem esfriar, eu já fui quente para dentro da água, que a água é o tempo. Então, é [...] Se a gente não viver com o tempo [...] Se dizer a você que hoje a gente sabe dizer alguma coisa do tempo, eu digo a você que é mentira. O tempo não escreveu pra gente, entendeu? A gente tá pedindo ao tempo pra gente ter mais conhecimento, e o tempo não tem ida e nem tem volta, o tempo é esse tempo que nós vévi. Porque sem o tempo a gente não vévi, sem o tempo também a gente não respira, o tempo é tudo para a gente, o tempo é deus! O tempo é fortaleza e aqui se chama Iroko, né? Então é um santo forte. Você sabia que o tempo também é embriagado? O tempo também é embriagado. O tempo é revolto? É revolto. O tempo é sorridente? É sorridente. O tempo é brilho? É brilho. Então, essa é a vida que o tempo traz para nós. A gente convévi com o tempo porque aqui a gente cultua o tempo, porque eu tenho bandeira de tempo, então eu tenho que cultuar o tempo. Eu estou fazendo o que o tempo pediu para eu fazer, mas eu não fiz o que o tempo sabe fazer. Só isso, eu convivo com o tempo. O tempo é minha vida, meu espírito, é meu ar, é minha força, é minha fortaleza, é meu joelho em terra. O tempo é isso, é poeira, é ventania, é vendaval, é água, é céu,

é terra, então [...] É coisa que acontece na vida de tempo que a gente não tem história do tempo. O tempo é quem traz história pra gente, então a gente passa pelo tempo sim.

P.: Que maravilha, tô toda emotiva.

Esse movimento, né? Esse movimento que a senhora faz... A gente vai buscar no livro o que a senhora ensina pra gente assim, que a gente não entende no livro.

Esse livro, geralmente [...] Esses livros, essa coisa do escrito, geralmente traz esse tempo presente, passado e futuro, que não é esse tempo do candomblé e não é esse tempo nkisi. A senhora fez um gesto que me chamou muita atenção, um gesto circular do tempo. Essa sensação que a senhora tem, desse tempo que não vai embora, um tempo que circula, a senhora pode falar um pouco mais sobre isso? Do jeito que a senhora sentir.

R.: O tempo é assim [...] É como eu disse a você: eu sou mariscadeira, a gente trabalha nas água, no alto mar, em cima da maré. Quando a gente sai, primeiro a gente tem que pedir permissão ao tempo — Pedir permissão a deus e pedir permissão ao tempo. Por que isso? A gente já passamos por muita coisa, de o tempo tá assim acalmo, tá ótimo e a gente pegar a embarcação. No meio do caminho o tempo se revolta, o tempo se revolta, o tempo se revolta [...] Inclusive, o tempo se tiver de matar, ele vai matar. Se ele tiver de segurar você, ele vai segurar. Você vai embolar na água com ele sabendo que o vento é o tempo. Então, você vai se manter, segurar com ele, mas é assim [...] Já passei por muitas coisas de maré no tempo. De eu ir remar canoa, está fazendo mariscando, quando a gente foi, bem [...] Quando volta de lá pra cá, a canoa rodar no meio do mar. O que que a gente faz? “Odojá,

minha mãe! Ô tempo, meu pai! Nos abençoe, nos segure, nos fortaleça, ô pai!” É o que a gente pede. Eu vou pedir a quem? Eu tenho que pedir ao tempo, que o tempo é o vento, tempo é o nosso caminho, tempo é a nossa vida. Se o tempo dizer assim ó: “Vou fazer você fechar aqui agora”, a gente [...] Não tem [...] Pode respirar, porque o tempo quis. Então, é o que eu digo sempre aos meus filho dentro de casa: “Olhe, tudo com tempo tem tempo, quem não confia no tempo não vévi no tempo.” Então é o tempo que dá vida, é o tempo que fortalece, é o tempo também que leva. O tempo é isso pra nós.

P.: É verdade. A tradição de Angola, ela é a única que trabalha com essa força dentro do candomblé brasileiro, né?

R.: É, a gente trabalha com tempo porque, assim [...] O tempo é a lua, é o contato que a gente tem dentro do orixá, assim [...] Se eu fazer uma obrigação de um orixá, a gente tem que ver a lua. A gente tem que ver se tem a lua cheia, a lua crescente [...] Porque tem gente que trabalha o candombré e não olha o tempo, não se comunica com o tempo. Como é se comunicar com o tempo? O tempo vai falar com a gente? Não, você tem que olhar se o tempo tá escuro, se o tempo tá craro, se a lua tá cheia, se a lua tá crescendo, se a lua tá minguando. Então, se a lua tá minguando o tempo tá falando com a gente: “Não é o momento certo de você fazer nada disso.”. Então, se a lua cresceu, é o tempo de você renascer. É como se fosse o pé de pranta. Se a gente prantar, regar, nascer e botar o fruto pra gente se alimentar. O tempo é isso aí. Então, se você quer trabalhar contra o tempo, o tempo trabalha contra você. Porque você não obedeceu o tempo. Então, você se obedeceu, mas não obedeceu o poder de Iroko.

P.: E tem, na fala da senhora eu percebo dois, pelo menos né, dois tempos. O tempo da natureza, o tempo que a natureza comunica, e o passar do tempo.

R.: É verdade.

P.: E como a senhora se relaciona com esse passar do tempo? Pra além do tempo da natureza, porque são coisas diferentes [...] Que a senhora tá viva, vivendo bastante, há de viver muito, né? Como a senhora percebe esse passar do tempo na sua vida?

R.: O passar do tempo na vida pra mim é, é, acho que eu não tenho palavra. É muito brilho, é muito amor, é muito axé, é muito carinho, é muita força. Porque todos os dias que eu levanto de manhã cedo eu peço a deus e o tempo que me levante, que me esquente, que me dê poder, né? Porque essa energia que o tempo traz pra gente. Se a gente não tiver essa força do tempo, a gente não estaria aqui em cima da terra. Porque deus diz: “Faça por ti na terra, que no céu eu te ajudarei. Se tiver fé em mim, eu tô lá em cima olhando por vocês”. Então, isso é muito importante, se você não tiver fé pra tudo que você fizer, nada tem deus, nada tem tempo, nada tem vida, porque tudo morre, tudo se acaba. E o tempo pra mim, é como eu disse a você [...] Eu nasci doze hora da noite, e tempo pra mim é a primeira lua, a primeira estrela que a gente vê é a estrela davi da manhã, ela nasce três hora da manhã e se afunda cinco da manhã. Tudo isso eu já passei, porque eu já [...] Eu facheio — fachear é trabalhar dentro do mangue de noite. Então, a gente já passamos por muito disso. A gente já viu tempo acelerar, acelerado, acelerado, acelerado, de a gente tomar medo. Já viu o tempo calmo, já viu tempo se fazendo no céu, que é a nuvem, o tempo que ajuda a fazer aquele

tipo de revolução no céu, mas a gente não sabe o que o tempo tá fazendo lá. A gente só tá vendo o que o tempo tá fazendo, mas [...] comunicação do tempo, a gente não sabe.

P.: A gente sabe só um pedacinho [...]

R.: Só um pedacinho! E hoje a gente não sabe, ninguém vai saber [...] A verdadeira palavra do tempo. A gente vai nascer com tempo, vai morrer com tempo, vai deixar o tempo e ninguém vai saber o fundamento do tempo. Ninguém vai saber.

P.: Isso é perfeito, isso é perfeito! Tá, já respondeu várias coisas aqui, deixa eu me reorganizar... Moldar o meu tempo. Eu acho que pode ser uma das nossas últimas perguntas, mas a senhora fique muito à vontade para falar o quanto a senhora quiser. Mas é porque eu, como uma pessoa de candomblé, percebo que o tempo do terreiro é muito diferente do tempo do mundo, sabe? Quando eu entro na minha casa de santo parece que o tempo do mundo se acaba e eu tô em um outro tempo. E aí eu queria saber da senhora como uma sacerdote, assim, como a senhora percebe essas diferenças desse mundo carnal e do mundo religioso, né? **Desses dois tempos, que também são múltiplos.**

R.: O tempo, como você falou, que a gente entra no axé [...] É porque lá fora você está acelerado, né? Cê está acelerado, você está com tempo, você está com sol, você está com chuva, você tá falando, você tá se comunicando, mas quando você entra dentro de um axé, o tempo é outro. Assim chama: tempo, é porque nós estamos dentro do tempo. Então, o tempo é mais lento, mais calmo, mais comunicável, é muita fé [...] A gente esquece daquele tempo que a gente tava lá fora e entra em outra dimensão. Essa dimensão que a gente entra é fé aos orixás, é fé no tempo, é como se fosse

[...] Se você fosse pra debaixo de um pé de Iroko e começar a se conscientizar, você vai se concentrar debaixo daquele pau, e você vai sair com a sua cabeça muito melhor do que a que você veio de lá pra cá. Por que isso? Porque você entregou o seu corpo ao tempo e tempo é uma áurea que a gente não tem palavras. Ele traz coisas boas pra dentro de nós. Por que o tempo traz coisas boas pra dentro de nós? Comunicado à sua fé, mas se você for sentar ali pra dizer “eu quero riqueza, eu quero isso, eu quero aquilo!”, tempo não vai encostar dentro de você. Você vai entrar ruim e sair pior. Então, é melhor [...] A sua fé é a sua força. A sua fé é a sua mente. Tempo trabalha assim com a gente. Quando a gente faz isso [...] Isso [...] (ela faz gestos de reverência dentro do candomblé) é pedindo permissão à deus, ao orixá e, e primeiro lugar, à terra. Porque se tempo quiser dizer assim: “Vou demolir isso aqui agora!”, o tempo vem e demuli. A gente não tem como, só tem gritar “Meu deus, ajude! Socorro, meu pai! Me ajude!”. Então, é o tempo.

Tem mãe que diz assim: “Ó, vou ter um filho [...] Tempo cuida de você!”, isso é uma praga. Ninguém pode dizer isso a filho, que o tempo vai cuidar dos filho. A gente botou nossos filho no mundo pra viver no mundo e no tempo, mas como esse tipo de tempo [...] Tem palavra que é negativa e tem a palavra positiva. “Ah, que tempo tome conta de você.”, não! Isso é uma praga, porque tempo é malvado. Como eu disse a você, tempo é brilho, doce, amado, quente, mas quando ele se revolta ele fica preto, revoltado, sai quebrando tudo, derruba tudo. Então, isso é comunicação do tempo junto com vento, eles dois são irmão, um faz o que o outro quer. Então isso precisa a comunicação,

é igual a comunicação que a gente tá indo buscar aos nossos orixás na terra. Tempo faz isso (aqui ela faz um espiral de cima pra baixo com a mão). Sobe, já conversou, e já voltou. Se for pra ir [...] Deus dizer que é pra ele destruir, ele vai destruir. Se Deus disser [...] Colocou ali o que teve de fazer e ele voltar [...] Ele vai voltar no mesmo lugar e ele vai se aquietar, não vai derrubar nada, não vai quebrar nada. Ele vai continuar ali, nós vai dizer: “Meu deus, o redemoinho foi até perto do céu, voltou e não aconteceu nada.”; porque não era hora e tinha alguém com muita fé, muita fé, pedindo ao tempo.

O tempo pra mim é isso aqui é (arrepios pelo corpo), é isso aqui, entendeu? É, meu tempo [...] O tempo pra mim é uma palha de coqueiro, é uma folha, é uma ensaba que a gente vai buscar no mato. Quando a gente entra, a gente pede pro Katendê, Ossain, é tempo! Se tiver chovendo, relampejando, eu vou fazer o que lá dentro do mato? Nada! “Gente, eu não vou porque tempo não quer. Eu só vou quando o tempo acalmar”. Tudo é tempo. O tempo pra gente, pra mim, é isso aqui. Todo dia eu digo assim, vou levantar de manhã cedo: “Meu deus, vai depender do tempo. Eu quero sair, mas vai depender do tempo”. Tudo que você falar hoje tem que ter o nome do tempo. O tempo pra gente é nossa fortaleza. O tempo pra gente [...] “Ô, meu deus! Tomara que deus me dê um bom tempo amanhã pra eu fazer esse trabalho”, mas se amanhecer chovendo, muita água, tempo não quer que você faça isso. Então, se acalma. Respeita o tempo. Tudo com tempo, é tempo. Tudo na sua hora.

P.: Quando a senhora vê esse tempo, que vai lá em cima e volta, assim, espiralar [...] A senhora tá no meio do tempo?

R.: Tô no meio do tempo. Tô no meio do tempo porque eu tô sentindo que tempo ali, com a força [...] Se tiver três, quatro pessoa, ou uma pessoa com a maior força e o tempo tiver ao seu lado, tempo te ouce! Porque tempo te ouce pela sua palavra? Não! Tempo te ouce pela sua fé. É a fé, tudo hoje. A fé remove montanha. Sendo assim, é a mesma coisa das palavra de Deus, a fé é tão que Jesus andou por cima da água, no mar profundo. Então, o que foi isso? Fé, e com a fé é que remove as montanha, e a minha fé está aí. Ele pode tá aqui rodando, rodando, rodando, pegando lixo, pegando lixo, e eu posso tá aqui (ela fica completamente parada, concentrada). Ele vai rodar, rodar, rodar, rodar, pegar o lixo, vai subir, mas eu vou ficar no mesmo lugar — Mas se não tivesse sendo em tempo, ele me pegaria com cadeira e tudo e levava com ele. Então, a minha fé é inesquecível e inabalável, e sempre eu digo: “Meu pai Ogum, que sempre me dê força, me dê saúde, pra eu [...] como ele sempre diz: abrace todos, mas nunca vire as costas pra quem precisa de você”; então eu abraço todos, como ele mandou. Com ou sem, com você ou ninguém que tiver ao lado, eu faço esse trabalho, porque ele me botou aqui pra isso, entendeu?

E você vê que eu já nasci do tempo e tenho uma história do tempo e a água, eu sou a verdadeira [...] Eu sou o verdadeiro tempo. Eu também rodo no tempo, tempo também me panha, mas não é assim [...] Uma coisa que me pegou e foi uma coisa muito bonita. Foi uma inspiração pra todo mundo aqui, foi a primeira vez que ele me pegou, eu rodava, rodava, rodava, rodava [...] Que o menino disse assim: “Meu deus, minha mãe vai cair!”. Como cai? Se eu estava manifestada no tempo e o tempo estava comigo,

como ele ia me deixar cair? Se eu estou com a fé, com ele, não caio, não caio. Se vai lá perto de uma ponte e volta: “Meu deus, eu quase caia, não caí porque tempo não deixou”, tempo te levantou, tempo te levanta. Tempo pra mim é isso.

P.: A senhora fala de uma troca com o tempo, de uma conversa com o tempo, e eu queria saber um pouco mais dessa comunicação, dessa capacidade de se comunicar, que não é só de falar, é de ouvir o tempo também.

R.: Deixa te dizer uma coisa [...] A gente, uma vez teve um trabalho aqui que eu precisava de uma resposta, precisava de uma resposta de Deus, primeiramente, os orixás, e segundo, tempo. Então, me ajoelhei uma vez e fui buscar resposta de tempo e tempo se comunicou comigo. Como tempo se comunicou comigo? Porque eu tive o meu pensamento para ir pra outra dimensão. Então quando eu vim dessa dimensão foi tão tanto, que quando esse pessoal veio procurar a mim, eu estava deitada no pé do santo, no pilão, levei duas hora de relógio dormindo. Não estava dormindo, eu estava fora de mim e quando eu voltei de lá, eu já trouxe outras coisa que eu não sabia aqui na terra. Então, praticamente, eu me comuniquei com tempo. O tempo me levou paraíso, coisa diferente que a gente não vê aqui na terra, ar frutuante, como se você tivesse leve e frutuando, olha a força que o tempo tem! De chegar e frutuar você assim, como se fosse um papel. Tempo é essa força. Então, eu trouxe essa força pra cá, e aí eu me comuniquei [...] Tem coisa que eu não podia falar, nem falei, porque é um segredo de tempo, cada qual tem o seu segredo, então eu guardei isso pra mim. E aí abri a boca pra falar com meus orixás, e aí foi nesse tempo que Ogum

respondeu... Porque Nanã é tempo, é lama. Oxumare é tempo, é cobra. Obaluayê é tempo, é ar, é tempo, e convévi junto com a bandeira de tempo. Por que os orixás vévi no tempo? Porque pertence ao tempo, então a gente tem que fortalecer o tempo. O que que a gente faz com tempo? A gente dá o que ele pede à gente. Uma oferenda pra tempo [...] Você vai fazer uma oferenda que você faz dentro da sua casa pra tempo? Não, você vai fazer uma oferenda que o tempo deu a você, é o que ele fez. É frutas, uvas verdes, maçã, é coisa que o tempo refruí pra dá a gente, pra gente devolver ao tempo. É o que se dá, é dando que se recebe e é fazendo o que se acha. Tempo pra mim é isso.

P.: Mas, Berenice é três, né?

R.: É bastante Berenice.

P.: E atravessada por esse tempo. E aí tem a Berenice que é do mangue, mariscadeira, que vai lá e conversa com Nanã e que tem sua vida nesse tempo também, né? No mangue, no marisco, essa Berenice criou os seus dez filhos, fora os filhos que acolheu nessa casa [...]

R.: E acolhi muitos e acolho ainda, acolho ainda.

P.: Então, eu queria que a senhora falasse um pouco desses três tempos de Berenice.

R.: Berenice é meu nome, né? Berenice Bispo dos Santos é o meu nome que minha mãe me batizou. Biu é um apelido que o pessoal achou bonito que me chamava Biu, porque a gente andava na canoa [...] E aí a gente: “Menina, você parece um Biru”, aí ficou esse negócio de Biu, ficou esse Biu. Mãe Biu é porque eu sou do axé, mas [...]

Meus filho são tudo homem, tudo mulher, tudo humano, tudo tranquilo. Durmo bem, acordo bem. São uns filho muito educado, muito respeitado, me respeitam minhas decisão e respeito a deles também, porque eu acho que mãe [...] mãe hoje não é pra, só pra filho respeitar sua decisão. A mãe também tem que respeitar a decisão dos filho. Então, eu criei todos eles dentro do mangue, vendendo ostra, siri, caranguejo, governando canoa, mergulhando, levando pra Itapuã, Boca do Rio, refiz meus filho. Depois vem a briga dos neto, segurei os meus oito neto, meus seis bisneto, e aí continuo criando, vem mais. Tá vindo mais um bebêzinho aí pra mim, tendeu? É assim, quando a gente vévi no tempo [...] Eu já morei em casa de sapé e o vento tirou, destelhou, a casinha [...] A gente ficou no tempo! Olhe, tudo é tempo! Destelhou a casa de sapé toda, então, tudo é tempo. E eu disse: “Olhe, a gente estamo no tempo”. Olhe, tudo é tempo. Tudo se controla, Deus quer. A gente foi refez novamente essa casa e a gente voltamos pra debaixo da casa. Você acharia que eu ia maltratar o tempo? Ia xingar o tempo, machucar o tempo? Não, eu tive que agradecer ao tempo. Foi aí que quando desmanchou aquela casa, tempo me deu uma de telhado. Olha a força do tempo! E aí a gente começou a ficar nessa união. Sou sambadeira. A gente fazia paióça pra sambar no tempo, era tempo mesmo, tudo é tempo.

P.: Mamãe, e a história da [...] Desculpe interromper, mas é porque a senhora me contou esses dias de novo e eu acho que tem muito do que a senhora tá ensinando pra gente aqui, né? Que é do tempo que a gente tem de respeitar o tempo, a história do samba do corta jaca. É uma história de tempo, né?

R.: É, é uma história de tempo. Minha mãe mais meu pai foram pruma roça e choveu, alagou, então o rio ficou muito cheio. E aí eles ficaram três dia, três noite lá. Sem fósforo, água tinha à vontade, mas ficaram com fome. Três dia, três noite é demais. Então, eles ficaram do lado de lá, ficaram do lado de cá [...] Então, eles sobreviveram com jaca. Então, meu pai, graças a deus, sambador [...] E aí ele pegou uma jaca, começou a bater em cima da jaca. Pegou a jaca, botou na mão, começou a fazer o samba da jaca. “E aí, como é que a gente vai cortar a jaca se o machado avoou, o relâmpago tomou e jogou em cima do pé do pau”. Ele começou a pisar na jaca, pisando na jaca e aí a jaca se abriu. Ele disse: “Então, dá pra gente fazer um samba corta jaca”. E aí eles ficaram três dias, três noites comendo jaca e fazendo o samba do corta jaca. “A gente inventamos um samba do corta jaca”. Olha o que que acontece [...] O que foi que aconteceu? Tempo. Foi o tempo que mudou. Saíram com o tempo bom e lá o tempo ficou ruim? Não, não ficou ruim. Ficou ruim pra eles, mas pra tempo estava muito bom. Porque na vida de tempo, ninguém domina o tempo. Ele chega e sai a hora que ele quiser, na hora do tempo, e nós vemos com tempo, se fortalece com tempo e sem o tempo nós não somos nada.

P.: **E a senhora vai mostrar pra gente um pedacinho do samba do corta jaca?**

R.: Mostro sim, amostro sim. Eu não sei cantar muito, como eu lhe falei, mas como eu disse a você, ele cantava aquela música do corta jaca: “Vamo cortar, vamo sambar e vamo fazer o samba do corta jaca. Vamo cantar, vamo sambar, vamo cantar o samba do corta jaca”. Aí ele fazia assim (dança).[...] Foi aí que a jaca se abriu,

porque ele não tinha faca pra abrir. Não tinha faca pra se abrir, então eles chegaram contando essa história: “Gente, passamos debaixo de um portal de água e [...]”. Chegou contando esse ato pra gente. Minha mãe quando tava viva contava esse ato, ela chorava muito, emocionava muito e até hoje eu trouxe um pedacinho da história da minha mãe e dos meus antepassado, entendeu? Minha avó, dos meus tios que eu conheci. Não conheci meu pai, meu pai morreu na queima de Água de Menino, em Salvador, vocês não sabem porque vocês são jovem, vocês aqui são fruto novinho. Já tem na faixa de 70 anos, eu tô com sessenta e três. Então, já tem tempo, eu tava com dois meses nascida quando ele morreu. Então morreu antes de eu crescer. O nome dele era Mario Bispo dos Santos Caco de Torrar Pipoca Charuto Mal Fabricado Cavalo Branco [...]. Era africano meu pai e é por isso que eu amo os africanos, eu amo, gosto. Quando eles passa aí eu: “Ah, me ensina essa língua!”. Adoro, mas eu não tive porque minha mãe não era [...] Minha mãe não era de Angola. Então, eu puxei um pouco do sangue.

A gente morava em Água de Menino, acho que todo mundo sabe onde é Água de Menino. Então, teve um problema sério lá e meu pai morreu e eu tô aqui, né? A filha tá aqui, a semente tá aqui, que é pra ir contando [...] Ai eu vou contando a partir da minha vida à meus filho. Minha mãe também tinha uma irmã que chamava [...] O nome dela era Anita, o nome da minha irmã era Laura. Então, minha mãe chamava [...] Era bem sambadeira! Minha mãe tinha uma cintura de pilão deste tamanho e as cadeiras deste tamanho. Era a melhor mulher do mundo pra sambar, parecia uma peneira no céu pra sambar. A gente cantava pra ela, é, tirava a música

dela assim ó: “Que mulher faladeira, mulher das canela fina. Que mulher faladeira, mulher das canela fina. O coro já comeu nas costas de Abertina. Vou me embora depois de amanhã porque bateu nas duas irmã. Vou dar, vou dar, vai apanhar! Vou dar, vou dar, vai apanhar!”. E aí, já fomos simhora por aí! Só no samba, né?

P.: Parece que seus pais também souberam passar o tempo muito bem, né? Eles driblaram o tempo de uma forma excepcional [...] E aí a senhora herdou esse trato do tempo.

R.: Herdei sim. Eu toco marcação, eu toco pandeiro, eu toco prato [...] Eu faço samba, se não der, faltou um homem, eu tô tocando marcação, amanheço o dia, com muita vontade. Sou sambadeira, sou mestre de samba, ensino a sambar e sambo também.

P.: E o samba já te levou pra muitos lugares [...]

R.: Muitos lugares, muito lugar! Eu já fui pra São Paulo, já fui pra Brasília, já fui pra Flica² [...] Quem me levou foi essa linda mulher, entendeu?

P.: Abriu a Flica, a senhora não foi só [...] Foi na mesa de abertura, que é o dia de reverenciar nossas mestras, né?

R.: Não é? E a gente [...] Agora também tô com um projeto de ir pra São Paulo. Eu tenho um amigo lá, pessoal do samba que vão me levar. O samba eu fecho os olhos e vou com os olhos fechado, se dizer: “Você vai ter que sambar dentro da lama”, eu vou sambar dentro da lama, porque eu amo o samba! O samba é minha vida, o samba é minha inspiração. O tempo é que me ajuda, viu? Me erguer, me fortalecer e abrir os braços pra ele e dizer: “Estou dentro do tempo, graças a deus!”. Isso é muito importante.

2 Festa Literária Internacional de Cachoeira. Mãe Biu participou da edição de 2023.

P.: E que honra a nossa, né, Júlia?

E que frase linda pra terminar!

R.: Eu também queria, também dizer um [...] Eu não sou estudante, não sou professora. Não tenho estudo, mas eu tenho educação. Sou uma pessoa que gosto de humildade, uma pessoa que gosto de respeitar pra ser respeitada. E falo sempre pra essa pró³ linda maravilhosa que tá na minha frente, foi uma pessoa que me ajudou muito, vou nem falar que se não eu [...] Me ajudou muito, me deu muito apoio, aí eu digo assim pra ela: “Ô mamãe não sei ler nem escrever, ô mamãe não sei ler nem escrever. Eu te peço agora uma cartilha de ABC. Vou dar, vou dar pra você aí. Vou dar, vou dar pra aprender”. Só isso que eu falo pra pró! O pouco que eu tenho, né [...] Me emociona um pouco, né? O pouco que eu tenho é humildade, como eu acabei de falar com ela, que é uma pessoa chique, uma pessoa boa, mas ela se torna uma pessoa assim [...] que fosse quase igualmente a mim, uma pessoa que pisa na lama. Ela tem dignidade, ela tem força de vontade, ela não tem esse negócio de olhar pra trás e dizer: “Quem é que vem aí?”. Ela quer pegar tudo, ela tá junto com a gente. Isso é força pra mim, é uma força muito importante que tem dentro dela. É uma pessoa humilde. Então, isso aí pra mim é muito importante também, e eu te agradeço meu amor [...] Por Deus ter botado você no meu caminho.

P.: A senhora me salvou e me salva todo dia. [...]

P.: Eu só queria fazer uma pequena correção que é: A senhora é uma grande professora, e nem todas as professoras tão dentro da sala de aula. Então, obrigada por hoje ser a minha professora na escola do tempo.

3 “Pró”: apelido para professora.

R.: Obrigada. Qualquer coisa pode me chamar, a gente tá aqui pra conversar alguma coisa, mostrar algumas coisas [...] Eu tenho algumas coisas de vídeo aí, depois vou botar pra você [...] E eu também era porta-bandeira do [...], na casa de minha mãe [...]. Já trabalhei em São Paulo, fui pra Brasília, pra Salvador, pra tudo quanto é canto [...] Cabaceira [...] Pra tudo quanto é canto que eu me lembre. E eu vou dizer uma coisa a você: O que não faltou foi rebolado. O pessoal ficava tudo louco quando me via, era. Então, eu gosto de alegria, eu gosto de sorrir, eu gosto de brincar, entendeu? E eu sou mãe, eu sou mãe três, quatro vez. Eu sou mãe aqui pra tudo, pra tudo aqui eu sou mãe. Tudo tem que passar aqui na linha, em cima da reunião com os filho. Errou não tem esse negócio aqui de ficar xingando, batendo. Não, reunião. Quem tá errado? Sabe o que é isso? É viver com respeito, dignidade, viver justamente com os orixás. Sou dos orixás também, não gosto de palavra grossa, nome, essas coisas eu não gosto. Então, isso tudo é uma ensinação pros nossos filho hoje, tendeu? E eu também queria dizer um pouco também da escolaridade, né? Das criança que vévi no colégio hoje, muitos que tão por aí querendo procurar um lugar pra se [...] se aconchegar. Que peguem um tambor, um pandeiro, vá tocar! Vá ver o gosto do samba, vá ver as pessoa sambar, sinta aquela quentura dentro de nosso peito dizendo: “Eu vou lá!”. Além de tá na rua, teja dentro de colégio, aprendendo, entendeu? Saindo com os mais velho, hoje também sempre peço isso. Os novos tinha vergonha de sair com os velho, nem sabendo que os velho é a raízes dos novos. Sabendo que os novos um dia vai chegar lá, ficar velho. Então isso, peço assim que os novo tenha muito respeito pelos velho.

P.: O jovem é o tempo que não veio ainda.

R.: É! É um tempo que não sabe o que é o tempo. Não sabe o que é o tempo. Se soubesse o que era o tempo não desobedecia mãe e pai, então é o tempo que ensina a gente. Sem o tempo não tenho nada. Aí o tempo como tá calmo, ó! Tempo tá brilhoso, tempo tá tranquilo, mas se ele se revoltar aqui agora? Se revolta e cabou. O tempo é isso. O tempo é você ter confiança no tempo. O tempo é você viver no tempo. O tempo é a água, é o chão que você pisa, o tempo é sua fortaleza. Sem o tempo você cai. Isso que é o tempo pra mim.